



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JULIA GRACIELA MATEUS

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

LONDRINA

2009

JULIA GRACIELA MATEUS

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador (a): Prof^a. Heloisa Toshie Irie
Saito

LONDRINA
2009

A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Londrina.

COMISSÃO EXAMINADORA

Heloisa Toshie Irie Saito
Prof. Orientador
Universidade Estadual de Londrina

Anilde Tombato
Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Gilmara Lupion
Prof. Componente da Banca
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 15 de outubro de 2009.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela força que me concedeste durante este trajeto que apesar dos inúmeros obstáculos me ajudou a superá-los mostrando que é possível romper com o impossível. A minha família querida que esteve sempre ao meu lado me apoiando durante este percurso meus sinceros agradecimentos; aos meus irmãos José Carlos Mateus e Juliana Mateus, pois sem eles não teria conseguido vencer mais essa etapa da minha vida. O meu muito obrigado a minha orientadora Professora Heloisa pelo amor, dedicação e paciência, tornando este trabalho possível.

MATEUS, Julia Graciela. **A leitura na Educação Infantil**. 35 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

RESUMO

A presente pesquisa discute a importância da leitura para o desenvolvimento infantil mostrando sua contribuição para a vida social, cultural e individual da criança. Nessa discussão é evidenciada a relevância da participação da família e da escola e a importância do papel da educação infantil de promover uma leitura prazerosa de modo a despertar o amor pelos livros. Também é ressaltada a necessidade do professor da Educação Infantil enfatizar a importância do livro para a formação do indivíduo, de modo que a criança perceba o livro como algo interessante, como fonte de prazer e descobertas. Acreditamos que dessa forma a criança passará a apreciar mais a leitura, contribuindo para sua formação enquanto leitor. Esse estudo foi realizado por levantamentos bibliográficos, chegando à conclusão de que só será possível formarmos leitores críticos e assíduos se a leitura for inserida na vida da criança desde a tenra idade, tendo a integração família-escola e a integração dos professores das distintas áreas do conhecimento para disseminar na criança tal hábito.

Palavras-chave: Leitura; Desenvolvimento infantil; Parceria família-escola; Educação infantil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS CRÍTICOS.....	3
3 O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA AQUISIÇÃO DA LEITURA.....	16
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS.....	34

INTRODUÇÃO

Escolhi o tema Leitura na infância porque percebo que a leitura não é tão valorizada na família e no ambiente escolar quanto deveria ser. Defendemos que na maioria das vezes alguns pais têm a opinião equivocada afirmando que se o filho não sabe ler não há necessidade de contar histórias ou pior, se sua idade é inadequada para aprender a ler porque trabalhar a leitura?

O que constatei em meu cotidiano com pessoas próximas é que o livro vem perdendo espaço na vida da criança seja pela falta de incentivo dos pais e professores ou por causa da tecnologia que oferece aos indivíduos as coisas prontas impedindo que façam sua própria construção.

Partindo dessa indagação levantamos algumas questões a serem discutidas ao longo do trabalho: Qual a importância da leitura na formação da criança? Como os pais e professores podem contribuir para disseminar na criança o prazer em ler? Desta forma comentaremos sobre o papel do professor da Educação Infantil nesse processo de aquisição de leitura ressaltando que ele precisa ter consciência de que um de seus papéis é disseminar na criança o prazer em ler, pois isso nem sempre ocorre no âmbito escolar devido à forma fragmentada pelo qual se trabalha a leitura, como um fim e não como ponto de partida para a construção de novos horizontes.

Assim considerando que a leitura é uma prática construída historicamente e que depende de estímulos para sua concretização vamos por meio deste trabalho abordar a importância dela na vida da criança enfocando o papel do professor visto que ele pode e tem muito a contribuir para disseminar na criança tal hábito.

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo ressaltar a importância do trabalho de iniciação da leitura na Educação Infantil para disseminar o hábito de ler na criança, a fim de trabalhar a leitura em sua totalidade considerando suas múltiplas funções. Assim sendo ao longo do trabalho comentaremos sobre a leitura e os livros e a importância dos mesmos para a vida individual, social e cultural do indivíduo já que podem contribuir muito com o processo de aprendizagem e socialização da criança.

Nessa discussão ressaltaremos que não cabe apenas a escola promover a leitura, mas essa deve ser uma prática também estimulada dentro do ambiente familiar. Apontaremos a opinião de alguns autores sobre a necessidade da família propiciar aos filhos contato com o livro antes mesmo de irem à escola.

Desse modo iniciarei o trabalho a partir das análises de alguns teóricos que discutem sobre o objeto de pesquisa, enfocando a prática da leitura na Educação Infantil, visando resgatar o espaço que o livro vem perdendo na vida da criança devido alguns fatores. Assim discutiremos no primeiro capítulo a importância da leitura na vida social e individual da criança, a qual deve ser estimulada desde a mais tenra idade, apontando a prática da leitura como um mecanismo para se sair da alienação.

Enfatizaremos que, através da leitura, há a construção do imaginário, ampliação de horizontes, por isso é de extrema importância os pais e a família estimularem tal hábito para que seu filho se torne leitor de verdade, para o resto de sua vida e faça uso da mesma em sua prática social.

No segundo capítulo abordaremos o aspecto positivo da leitura e da literatura infantil na vida da criança pequena ressaltando o papel da Educação Infantil para promover o hábito da leitura destacando a literatura como uma contribuição para a proliferação de leitores assíduos. Acreditamos que a Educação Infantil tem muito a contribuir para formar tal hábito, visto que, é na infância que todos os hábitos se formam e a criança está mais ávida a novidades, ou seja, a descobrir novos horizontes, daí a necessidade dela promover uma leitura prazerosa de modo a despertar na criança o prazer pelo ato de ler.

Mas para que a criança tenha êxito em sua prática de leitura ela deve estar inserida em um ambiente enriquecedor, alegre, descontraído que permita vivenciar novas descobertas. Portanto, cabe ao professor organizar este espaço de modo a despertar o amor pelos livros. Porém, vale lembrar que ele também precisa aguçar a criticidade da criança possibilitando liberdade para que se torne um leitor curioso, apto a compreender, concordar, discordar, enfim, que esteja em conflito com o texto tentando compreendê-lo em sua totalidade. O que estamos defendendo é que não é

tarefa do professor apenas ensinar a criança a ler corretamente, mas ajudar na compreensão do texto através de estímulos, ajudando na percepção dos temas.

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DE INDIVÍDUOS CRÍTICOS

A leitura tem papel fundamental na vida do indivíduo, pois uma pessoa que lê plenamente tem grande chance de se tornar um sujeito independente, ativo participativo. Como coloca Soares (2004, p.47) uma pessoa letrada é capaz de não só apenas ler e escrever, mas fazer uso dessa leitura em sua prática social.

Segundo a autora não basta apenas decodificar o código escrito é preciso entender o que se lê para que a leitura tenha um significado na vida social do indivíduo, e em relação à criança a leitura pode contribuir tanto para seu aprendizado como para sua socialização.

Para Barros (2006, p. 44): “Ler não é apenas decifrar um código, mas entender as idéias e as mensagens contidas num texto; mais do que isso, atribuir sentido às palavras escritas/ impressas, de acordo com o referencial próprio de cada leitor, dando a interpretação particular do lido”.

Silva (1948, p.24) endossa essa idéia apontando que as práticas de leitura crítica devem estar presentes nas escolas principalmente àquelas voltadas ao desmascaramento da ideologia. O autor afirma:

Que não fazer isso pode significar a manutenção da consciência ingênua junto com os professores e estudantes e pior: pode significar ao longo prazo, um embotamento ou cancelamento da capacidade crítica pela ausência de espaços concretos para colocá-la em prática (1948, p.24)

Acreditamos que a leitura crítica possibilita ao aluno a capacidade de analisar as informações que estão a sua volta principalmente àquelas rotuladas pela mídia através das publicidades e propagandas tendo como meta o consumismo. Silva (1948, p.26) defende essa idéia colocando que “pela leitura crítica o aluno abala o mundo da incerteza principalmente o da classe dominante, elabora e dinamiza conflitos, organiza sínteses enfim combate assiduamente qualquer tipo de escravização as idéias referidas pelo autor”.

Embora a leitura crítica contribua para o aluno analisar melhor a sociedade cabe

ressaltar que essa competência não se constrói naturalmente, mas precisa ser ensinada e incentivada desde a Educação Infantil para que o aluno desenvolva atitudes de questionamentos perante o material escrito de modo a elaborar diversos pontos de vista e opiniões sobre diferentes temas e assuntos abordados na escola.

Portanto cabe à escola aguçar a criticidade do aluno, levando-o a analisar e questionar a realidade, buscando entender o porquê da desigualdade social, da fome, das guerras, ou seja, quais os interesses que estão por trás. Enfim, o professor precisa levar o aluno a questionar as origens dos fatos, pois nada acontece por acaso: Como num país extenso como o nosso há pessoas sem ter onde morar? Como isso é possível?

Segundo Cagliari (1992, p.148) a grande maioria dos problemas que os alunos enfrentam ao longo dos estudos chegando até a graduação é decorrente dos problemas de leitura. Portanto, entendemos que é necessário trabalhar a leitura desde a Educação Infantil para disseminar na criança o prazer de ler, pois é nessa fase que a criança começa a querer saber o que acontece a sua volta. O professor deve aproveitar esse momento para inserir os pequenos no mundo dos livros fazendo com que tenham interesse pela leitura, porém essa prática não deve se restringir apenas a Educação Infantil, mas ser desenvolvida também nas demais séries.

Magnanii (2007) defende que “a prioridade do ensino de leitura de textos nesse início de escolarização visa à sedução dos pequenos leitores em formação de um modo tal que lhe propicie condições de se tornarem leitores de verdade”. Entendemos que ao ler um texto o leitor precisa analisar interpretar, fazer relação, enfim romper com a leitura decodificada, pois não basta simplesmente ler por ler, a leitura deve ter um significado na vida do indivíduo para ele saber por que ela é importante tanto para sua vida social e individual. A autora (2001, p.50) ressalta “a importância de a leitura ser trabalhada em todas as disciplinas enfatizando que as práticas de leitura de textos devem fazer parte de todas as disciplinas que compõem o currículo escolar”.

O que ocorre hoje é que a criança muitas vezes vê a aula de português como uma aula chata que tem que ler sempre a mesma coisa, uma leitura que precisa fazer, pois o professor poderá cobrar nas provas e ainda ela vai ter que tirar nota e isso faz com tenha certa aversão à leitura.

Smith (1997, p.113) ressalta “o que estimula as crianças ler e, com isso, a aprender a ler, não é alguma promessa de satisfação no futuro, ou uma recompensa extrínseca como elogios, boas notas, ou um tratamento especial ou evitar alguma punição, mas ser capaz de ler”.

Por isso acreditamos que o espaço escolar é de suma importância para desenvolver na criança o hábito da leitura. Portanto este espaço precisa propiciar momentos de discussões da leitura das obras literárias feita pelo aluno. Explicitamos que à medida que o aluno expõe o que pensa e aborda os aspectos positivos e negativos da obra, ele passa a participar intensamente no mundo da leitura, e isso faz com tenha maior interesse pela mesma.

O professor deve levar o aluno perceber que não há verdade registrada nos livros como defende Cagliari (1992, p.151) “embora a leitura participe de certa convencionalidade é sempre uma obra aberta, jamais fechada e caberá sempre ao leitor interferir na leitura que fará de acordo com seu mundo interior”. Existem vários motivos pelo quais a criança tenha certa aversão à leitura são: a falta de incentivos dos pais, o fato de se deparem com textos nem um pouco instigantes na escola e a influência dos meios tecnológicos presentes em sua vida principalmente a televisão, já que passa o dia em frente dela. Sendo assim entendemos que é de suma importância resgatar o espaço que o livro vem perdendo na vida desta pois ele é um instrumento cultural que possibilita a criança a viajar e conhecer diversos lugares e ainda permite aquela ampliar seus horizontes.

Na visão de Perroti (1990, p.44) o resgate do livro apresenta-se como guerra santa porque para o autor o livro “reequilibra forças, transformando todos em guerreiros meramente defensivos, sem disposição para conquistar e subjugar o outro “ou para se conquistar e subjugar”. Entendemos que à medida que o indivíduo passa a ter conhecimento ele deixa de ser objeto da história e passa a ser sujeito atuante, não aceita mais ser manipulado pelo sistema e vai em busca de sua autonomia e emancipação.

Acreditamos ser função da escola proporcionar atividades que desenvolvam a criticidade do aluno rompendo assim com perguntas que não exigem do indivíduo a reflexão e sim a cópia fiel do texto; a escola deve oportunizar ao aluno liberdade para

expor o que pensa e refletir sobre os múltiplos cenários que configuram a sociedade. Segundo Silva (1948, p.26) “leitura crítica é aquela que desvela, mostra e exige posicionamento e pode colaborar significativamente na mudança dos rumos da saída do mundo da opressão e conseqüentemente na busca de uma vida mais feliz em sociedade”. Enfatizamos que através do conhecimento que o homem adquire ao longo de sua vida ele passa a conhecer quais são seus direitos e deveres e isso faz com que ele participe ativamente na sociedade reivindicando seu direitos para assim usufruir dos mesmos.

Mas para que o aluno se torne um leitor crítico precisa estar em contato com diversos textos não só os dos livros didáticos, mas textos de outras fontes, de outros autores como defende Silva (1948, p.77) “a maturidade do leitor decorre de sua convivência com diferentes assuntos, autores e linguagens.” Assim complementa: “Considero fundamental uma ruptura com os hábitos da leitura escolarizada, buscando o professor por outros materiais e temas no sentido de ser desafiado cognitivamente e afetivamente por outros autores” (SILVA, 1948, p. 77).

Vale ressaltar que é extremamente essencial mesmo que a criança não saiba ler contar muitas histórias a ela. Sendo assim é importante os pais propiciarem a seus filhos o contato com o livro, deixando-os manusearem os livros, pois mesmo que não saibam ler são capazes de construir novas histórias a partir das imagens que os livros trazem. Hoje muitos pais afirmam que não há necessidade de contar história a seu filho pelo fato de não saber ler. Entendemos que estes estão equivocados, pois esta é a melhor fase de incentivar os pequenos a sentirem o gosto pela leitura.

Abramovich (1997, p.16) aponta que “ouvir histórias não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizado ou não”. Ela comenta que é importante para qualquer criança ouvir muitas histórias afirmando que “Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ser um leitor é ter caminhos absolutamente infinitos de descoberta e de compreensão do mundo”. (1997 p.16).

Cabe lembrar que o primeiro contato da criança com o texto é através da fala de um adulto seja o pai, a mãe, o professor, enfim pessoas próximas a ela. E mesmo que não saiba ainda o código escrito é capaz de ler o texto com os próprios ouvidos. Segundo Cagliari 1992 a leitura oral não é feita por quem lê, mas pode ser dirigida por

outras pessoas que também lêem o texto ouvindo-o.

Por esse motivo é preciso propiciar à criança desde a tenra idade o contato com bons textos literários não podendo estes estar desvinculados de sua realidade. Dias e Nicolau (2003) endossam essa idéia afirmando “estimular o pré-escolar a aprendizagem da leitura pressupõe partir do universo vocabular das crianças de seus interesses experiências de vida expectativas e inquietações”. Segundo Magnani (2001, p.138) "as leituras de que o aluno gosta podem ser trazidas para sala de aula, como ponto de partida para a reflexão, análise e comparação com outros textos (inclusive os produzidos pelos próprios alunos)". Por esse motivo concordamos plenamente com a autora sobre a necessidade de respeitar as leituras da criança utilizando-a como ponto de partida.

Entretanto entendemos que embora o professor parta da realidade do aluno é fundamental levá-lo a construir opiniões sobre diferentes temas; o professor até pode usar a fala que o aluno utiliza em seu cotidiano, mas deve mostrar a ele a forma correta de se falar, de uma maneira que ele não se constranja por falar errado.

Quanto ao espaço escolar, este precisa ser um ambiente instigante, motivador, que desperte na criança o interesse pela leitura, sendo que é indispensável em um ambiente acolhedor a existência de relações afetivas, ludicidade, espontaneidade e o respeito. Por isso é de suma importância o espaço escolar contribuir para estimular, instigar, provocar, alimentar de várias formas as relações da criança e dos jovens com o conhecimento. Isso faz com que a criança se envolva e se interesse pelos livros podendo se maravilhar com os conteúdos guardados nos mesmos.

Acreditamos que a afetividade sempre presente no ambiente escolar fará com que a criança sinta vontade para aprender coisas novas, pois toda criança gosta e precisa se sentir amada e respeitada, e isso contribui para que tenha confiança em si mesma e vivencie novos desafios.

Defendemos que a escola é um local propício para trabalhar com a leitura e cabe ao professor utilizar este espaço para disseminar na criança o prazer em ler visto que a criança da classe social mais desfavorável econômica só possui contato com o material escrito neste espaço. Para a grande maioria dos alunos, a escola constitui sua única oportunidade de aproximar-se dos livros e se a escola não contribuir para disseminar na

criança o prazer de ler, como esta poderá se interessar por algo que não faz parte de sua realidade? Perrotti (1990) coloca:

A não acessibilidade do livro e da leitura a todas as classes sociais é uma falha no processo de socialização do indivíduo, pois a capacidade de interpretar o código escrito e de usufruir das belezas das palavras é essencial a dignidade humana em uma sociedade que privilegia a escrita e se afasta da oralidade.

O professor não deve fragmentar a leitura trabalhando-a de forma fechada, pois é uma atividade de assimilação do conhecimento, de interiorização, de reflexão. Perrotti (1990, p.66) coloca que “à escola não cabe apenas ensinar a ler, mas enriquecer o aluno ampliando seu universo educacional através dos hábitos de leitura”. Na visão deste autor “a escola é um espaço onde se deve, de forma planejada independente das condições gerais de ensino, atrair, ganhar, conquistar leitores” (1992 p.66).

Um autor que tem idéias semelhantes as de Perrotti são Sandroni e Machado quanto a função da escola de enriquecer o universo educacional do aluno, a qual afirma: “começa-se hoje a reconhecer que a escola não cabe apenas” ensinar ler “ou fornecer informações, mas enriquecer o aluno com aquisição de instrumentos para seu processo de permanente autoformação”.

Magnani (2001, p.49) faz uma crítica a maneira pela qual o professor trabalha com a leitura. Isto é perceptível no trecho abaixo:

Em vez de se lançarem questões, buscam-se através de caminhos pseudocientíficos, frutos de teorias literárias mal dirigidas, convencer o leitor de que a literatura é resumo do enredo, nome das personagens, onde e quando passa a ação, trecho que mais gostou e mensagem. Para demonstrar esses conhecimentos nem é necessário que o aluno leia livro basta perguntar ao colega.

Abramovich (1997, p.143) também faz uma crítica às escolas:

Hoje ao invés de trabalhar com o espírito crítico da criança fazendo-a pensar sobre o lido se espantar com maravilhoso ou se irritar com a bobice enfim estar permanentemente ligado em que cada livro despertou porque pedir que respondam as mesmas questões, ou seja, a reprodução do texto.

Acreditamos que a leitura é algo individual e por isso mesmo que a criança faça mesma a leitura sua compreensão sempre será diferente do outro. Portanto perguntas como: Quem é o autor principal? Quem é o vilão? E a mocinha? Não contribuem para a

criança desenvolver sua criticidade, mas sim apenas reproduzir as idéias do autor. Pedir à criança responder perguntas já elencadas acima é negar a oportunidade de expor o que de fato compreendeu sobre a leitura. Seria interessante e proveitoso o professor pedir à criança para relatar a história lida e conforme ela for falando questioná-la, fazendo dialogar com ele e principalmente com o texto.

Abramovich (1997, p.143) ressalta:

Ao ler uma história a criança desenvolve todo o potencial crítico e a partir daí pode pensar, duvidar, se questionar, sentir-se inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não pode ser feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar sendo sistematizado sempre presente.

Porém para despertar na criança o gosto pela leitura a hora do conto é de suma importância. Barcelos (1995 p.19) ressalta:

A hora do conto amplia horizontes da leitura, tornando a criança consciente da existência de infinidade de livros de diversos temas gêneros e estilos capazes de satisfazer suas necessidades individuais e seus gostos além de permitir a seleção de obras que mais ajustem ao seu grau de maturidade psíquico e intelectual.

Segundo essa mesma autora a criança que ouve história com freqüência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário, e principalmente, aprende a procurar nos livros novas histórias para seu entretenimento.

É indispensável que a escola trabalhe com a leitura considerando suas múltiplas funções. Nicolau (2003) coloca que a prática da leitura sempre contextualizada com função social clara permitirá que a criança busque a compreensão e compartilhem-na com seus parceiros indo além da simples decifração.

Segundo Cagliari (1992, p.173) a leitura não pode ser atividade secundária na sala de aula ou na vida, para a qual a professora e a escola dedicam mais que uns míseros minutos na ânsia de retornar aos problemas da escrita julgados mais importantes. Entendemos que a leitura precisa ser atividade prioritária na sala de aula, podendo o professor na aula de português, ciências, geografia, e até na aula de matemática levar o aluno à reflexão.

Cabe ressaltar que devido à influência dos meios tecnológicos na vida da criança seja a internet que oferece aos indivíduos as coisas prontas e o impede de fazer sua própria construção ou a televisão já que a criança fica a maior parte do tempo em frente a ela e sem o estímulo dos pais esta criança tem menos probabilidade de se tornar leitora futuramente, pois não são todos os pais que compram livro para seu filho e tão pouco o motiva a ler.

Desta forma acreditamos que o livro vem perdendo espaço na vida da criança de forma aligeirada, por isso enfatizamos a necessidade de motivar a criança a ler de modo a se tornar futura leitora, apta a concordar, discordar, pois a leitura permite construir novas hipóteses, já que não há verdade pronta e acabada registrada nos livros.

Perroti (1990) aponta que hoje as crianças enfrentam um confinamento cultural imposto pelo modelo burguês. Segundo o autor, as crianças não têm mais acesso às diversidades sócio-cultural e também ressalta a importância de puxar a infância para a diversidade dos espaços públicos de modo que tenham contato e se apropriem de manifestações que ocorrem no espaço público, de modo que conquistem a autonomia.

Nessa urgência de estimulação da leitura o professor tem papel primordial. Embora a criança seja ativamente curiosa é essencial levá-la às situações que provoquem a curiosidade fazendo com que explore o ambiente. Portanto as atividades desenvolvidas na escola devem propiciar mudanças nas concepções e valores e até mesmo nos próprios professores.

Acreditamos que o professor só pode contribuir para criar na criança hábito da leitura se ele for um bom leitor, De acordo com Barros (2006, p.137) “se o professor não for ele mesmo leitor, seu procedimento soará como falso e não resistirá por muito tempo a análise do aluno, que lhe negará credibilidade como tal”.

Por isso o professor deve transmitir aos seus alunos uma boa imagem da leitura, fazendo-os se interessarem pela leitura, pois perceberão que o seu professor também lê e se o objetivo é formar bons leitores essa postura é indispensável na vida do professor. Sobre isso Silva (1948 p. 69) coloca:

A pessoa do professor constitui o principal fator para a promoção e, conseqüentemente, para a formação de leitores dentro da organização

escolar: sem professores que sejam leitores maduros e assíduos, sem professores que demonstrem uma convivência sadia com os livros e outros tipos de matérias escritos, sem professores capazes de dar aos alunos testemunhos vivos de leitura fica difícil, senão impossível, organizar e instalar programas que venha a transformar para melhor os atuais procedimentos voltados ao ensino da leitura.

Uma autora que tem idéia semelhante a de Silva é Magnani a qual afirma:

Se nos professores acreditamos na força transformadora da leitura e da literatura não podemos nos omitir enquanto cidadãos educadores. Não podemos abdicar do papel histórico que nos cabe: de formarmos como leitores para interferir criticamente na formação qualitativa do gosto estético de outros leitores (MAGNANI, 2001, p. 140).

Portanto o professor deve estimular a criança na aquisição da leitura, trabalhando a de forma dinâmica e criativa, de modo que as atividades planejadas sejam promotoras de desenvolvimento. Isso significa ser capaz de aproveitar interesses, trazer fatos, valer-se de dados e situações significativas desafiando-a do ponto de vista afetivo-social, psicomotor e cognitivo de forma que a estimulação proposta sirva para esclarecer e resolver problemas.

Voltando a idéia de que leitura não se aprende naturalmente entendemos ser necessário o professor contribuir com o processo de motivação do habito de ler, visto que a leitura pode ser considerada um mecanismo para o homem sair da alienação a qual esta submetida. Na visão de Silva (1948, p.72) “um leitor crítico é aquele questionador, ou seja, que vai além do texto, que reflete sobre os aspectos que o texto traz que dispõe a compreender “as circunstâncias, as razões e desafios sociais permitidos ou não pelo texto.”

Mas para que haja um maior interesse da criança pela leitura a mesma precisa ser atividade prioritária na sala de aula; as instituições precisam mostrar à sociedade a importância da leitura na vida do indivíduo. Por isso a escola precisa desenvolver relações amorosas entre a criança e o livro desmistificando a imagem negativa da leitura, pois a mesma é instrumento privilegiado no processo ensino e aprendizagem.

O que vemos hoje é professores integrarem a leitura a avaliações, a provas, obrigações e exigências aos alunos e esquece-se de motivar e explorar a leitura e no entanto, esse método contribui para que os alunos se afastem dos livros, pois o que

mais os amedrontam é o fato de ter que tirar nota na avaliação ao final da leitura, sendo este um equívoco, pois se o professor pretende desenvolver em seu aluno a motivação e o hábito da leitura essa não é a melhor maneira de atingir tal objetivo.

Assim sendo a imagem de leitura desenvolvida na sala de aula deve ser uma imagem prazerosa, de alegria, de descontração, de aventura, de liberdade. O livro jamais pode ser apresentado ao aluno como uma imposição, mas como fonte de prazer, de curiosidade em querer descobrir o mundo, pois só assim é possível conquistar futuros leitores.

Vale lembrar que a leitura deve ser apresentada à criança como uma atividade que pode lhe conferir a identidade sócio-cultural, mas para isso acontecer é preciso romper com a decodificação da leitura, como atividade voltada à interpretação. Entendemos que a leitura contribui para a criança desenvolver a criatividade, a imaginação, a sensibilidade, o senso crítico, e não é nada mais que a confronto crítico com o texto e a idéias do autor, que permite o leitor construir novos textos a partir da mesma.

Nesse processo acreditamos que o questionamento é fundamental para a criança aprimorar sua capacidade de interpretação, pois a partir do momento que a criança indaga o texto, levanta hipóteses ela vai aos poucos aprimorando sua capacidade de interpretação e passa a compreender melhor o texto, não apenas o aparente, mas compreende-o em sua totalidade.

Embora os meios tecnológicos estejam presentes na sociedade a leitura continua sendo instrumento privilegiado no processo ensino e aprendizagem; ler continua sendo a chave para sonhos e segredos que permite o indivíduo a viajar num mundo incessante de descobertas. Perrotti (1990 p.73) enfatiza:

Por mais que se tenha inventado técnicas, por mais que se tenha mobilizado linguagens diversificadas para assimilação do saber, por maior que possa ser a crise do escrito na era audiovisual, a realidade é que nas condições atuais, o conhecimento formal não consegue prescindir o do escrito, mesmo quando não realizado em sua plenitude.

Por isso é de suma importância a leitura ser trabalhada com veracidade, pois o ato de ler se caracteriza pelo ato de descoberta. A leitura é como o saber científico que exige do aluno um determinado tempo de investigação, porque assim requer do leitor um trabalho paciente, perseverante e desafiador, possibilitando ao mesmo a construção do

conhecimento. Por isso inserir a criança quanto antes no mundo dos livros significa dar a ela possibilidade de construir uma bagagem cultural para que mais tarde possa usufruir da mesma em sua prática social.

Nota-se hoje um grande desestímulo do governo com a questão cultural devido à falta de apoio principalmente de recurso financeiro. A cultura é vista pela classe dominante como ameaça a sociedade. Sendo assim por que investiriam em algo que possa vir atrapalhá-los futuramente. Sabe-se que o descaso do governo com a educação está associado à manutenção do poder e também é uma forma de manipular os indivíduos, pois é mais fácil lidar com sujeitos alienados do que com sujeitos ativos, participativos, e conhecedores de seus direitos. Por isso não há a valorização do ensino e muito menos a preocupação real com a verdadeira situação do cidadão enquanto seu nível de leitura. Fala-se muito que todos precisam ler, mas será que há de fato uma política voltada à prática de leitura?

A criança na maior parte é vista como ser em miniatura sem vontades e desejos por isso não há necessidade de ensiná-la ler criticamente e isso afeta diretamente sua vida. A falta de acesso à cultura faz com que a criança se torne um adulto alienado, sem conhecimento para intervir socialmente. Porém vale lembrar que a cultura deve fazer parte da vida dos indivíduos a leitura é como um guia prático que faz o indivíduo se orientar e se incluir socialmente; não possibilitar isso é contribuir como os males sociais, como aponta Perrotti (1990, p. 67) “as causa de todos os males do Brasil têm uma única causa: a ignorância dos adultos justamente porque não lhes foi despertado o amor pela leitura quanto crianças”.

Por esses motivos anteriormente comentados acreditamos que a literatura pode contribuir no processo de aprendizagem da criança, sendo importante trabalhar diversos textos, pois o que acontece é que a escola muitas vezes só trabalha com textos perfeitos nos quais as personagens principais como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, entre outros tem sempre um final feliz. Isso faz com que a criança cresça imaginando que o mundo é “colorido” como o dos livros de contos de fadas a partir de uma visão poética e imaginária e todo esse mundo de castelo encantado envolvido com varinhas mágicas faz com que a criança considere tudo como real e verdadeiro.

É importante ressaltar que o professor deve trabalhar com textos que permitam a criança analisar e compreender a realidade como ela é, que nem toda família é perfeita e

completa como a apresentada nos livros, enfim levar a criança entender o porquê dessa mudança. O texto deve permitir ao aluno dar um salto rumo à construção do conhecimento.

Á medida que o sujeito lê uma obra literária, vai construindo imagens que se interliguem e se completam e também modificam apoiado nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de que sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou. (AGUIAR, 1993 p.16).

Defendemos que ao ler o aluno precisa compreender o texto, fazer relação do mesmo com sua própria realidade, se não de nada adiantaria ou serviria a leitura, pois perderia sua função. Para Silva (1948, p.5) a leitura perde sua validade:

Porque as palavras do escritor ficam como magicamente fechadas em si mesmas, sem que os elementos do real, indicados ou evocados pelas palavras, sejam efetivamente colocados em sua relação direta com a história e experiência do leitor.

O texto que deveria ser utilizado pelo professor como fonte de conhecimento, no entanto é apenas usado como reprodução do conhecimento, não havendo uma recriação, ou seja, uma nova síntese feita pelo aluno. O que ocorre muitas vezes é que o aluno reproduz mecanicamente as falas do autor sem de fato ter compreendido o que lê e sem esta compreensão não há como o aluno avançar.

Percebe-se que o impede a leitura ser desenvolvida com êxito é o consumo exagerado de exemplares de livros oferecidos às crianças. Isso quando ocorre, pois não é todas as escolas que propiciam à criança o contato com livros. Porém é preciso salientar que quando ocorre o trabalho com a leitura é de forma aligeirada, pois não há tempo suficiente para trabalhar com todas as obras como deveria. Sendo assim não há a discussão das obras e nem momentos para o aluno expor suas idéias, interpretações, visto que a escola dá ênfase ao consumo abusivo de livros de modo que o desenvolvimento da habilidade da leitura está na quantidade de livro que o aluno lê. Porém, vale ressaltar que esta idéia é equivocada, pois é muito importante a discussão das obras já que por meio dela a criança vai tecendo meios para construir; seu conhecimento, aprimorar sua capacidade de interpretação e ter opiniões próprias ações que contribuem para o sujeito conquistar sua autonomia.

Retomando o que já foi discutido sobre a importância e a necessidade da leitura na

vida da criança, ressaltamos que a literatura infantil pode ser um ótimo mecanismo a ser utilizado para despertar na criança o interesse pelos livros. De acordo com Zilberman (1982, p.20) é por intermédio da leitura, hábito vivido na solidão, que a subjetividade da criança é virtualmente invadida. Segundo a autora a obra literária pode oferecer um horizonte de criatividade e fantasia enquanto ficção, solidarizando-se com o mundo infantil. Em suas próprias palavras:

A literatura preencherá uma função de conhecimento: o ler relaciona-se com o desenvolvimento lingüístico da criança, com a formação da compreensão do fictício, com a função específica da fantasia infantil, com a credulidade na história e aquisição do saber.
(1982 p.13).

De acordo com Aguiar (1993 p.18):

A literatura brasileira e a literatura infanto-juvenil nacional vêm preencher estes aspectos ao fornecerem textos diante dos quais os alunos facilmente se situam, pela linguagem, pelo ambiente, pelos caracteres das personagens, pelos problemas colocados. A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para a leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler.
(AGUIAR, p. 18).

Concordamos plenamente com o autor quanto à função que a literatura pode desempenhar na vida do indivíduo, por isso enfatizamos que ela deve ser inserida na vida da criança desde a tenra idade, pois ninguém vira leitor de um dia para o outro, mas depende de estímulos para tal formação. Assim sendo apontamos que é necessário o professor principalmente da Educação Infantil contribuir para disseminar essa prática na criança de modo que a mesma desenvolva o gosto pela leitura tornando assim leitora assídua para o resto de sua vida; por isso cabe a ele ao utilizar bons textos literários e sendo estes diversificados que permitam aquela conhecer sobre os diferentes temas e assuntos que pode levá-la ao crescimento enquanto leitor.

O PAPEL DA EDUCAÇÃO INFANTIL NA AQUISIÇÃO DA LEITURA

Visto a importância da leitura e dos livros para a criança, como despertar nela o gosto pela leitura? Como incentivar os pequenos a sentir o gosto pela leitura antes mesmo de saber ler? A quem cabe esta tarefa?

Zilberman (1991, p.12) coloca que a responsabilidade pelo incentivo à leitura, incluindo a aprendizagem da escrita, bem como das maneiras de redigir e falar cabe normalmente ao professor de língua portuguesa embora a mesma defenda que as

questões de leitura, literatura deveriam interessar a todos. Assim, o professor de língua portuguesa é apontado como único responsável pelo fracasso do aluno.

Um autor que complementa as idéias de Zilberman é Silva (1948 p.33). Ele também fala sobre o professor ser o único responsável pela leitura afirmando:

Por razões diversas, a responsabilidade pela orientação da leitura e pela formação do aluno leitor é deixada somente aos alfabetizadores e aos professores de Comunicação e Expressão. Assim se os alunos não aprendem a ler se existe uma crise de leitura na escola brasileira, a culpa não é do corpo docente como um todo, mas dos professores de Português.

Compartilhando esta mesma visão errônea, muitos alegam que se o aluno vai mal é porque o professor de língua portuguesa não lhe ensinou a ler. Porém vale lembrar que se o objetivo é formar cidadãos leitores é essencial à integração entre os professores de todas as áreas do conhecimento, ou seja, de Geografia, Matemática, História, Ciência, enfim, todos podem e devem contribuir para disseminar na criança o hábito da leitura.

Pensando na necessidade de desenvolver o hábito da leitura, defendemos que a literatura infantil é um ótimo recurso a ser utilizado para desenvolver na criança o hábito de ler apesar da mesma não ter o mérito e não ser valorizada quanto deveria. Percebe-se que o trabalho com a literatura é fragmentado na escola, ou seja, os professores muitas vezes utilizam fragmentos de textos literários para trabalhar atividades como gramática e interpretação de texto. Porém explicitamos que não é o fato do professor utilizar fragmentos de textos que torna a leitura fragmentada, mas sim devido à forma pela qual ele trabalha, por exemplo, quando ele utiliza a leitura apenas para a realização de atividades, não havendo um trabalho sistematizado em prol da leitura trabalhada. A nosso ver um trabalho sistematizado contribuiria muitíssimo para enriquecer a imaginação e a criticidade da criança.

Para Magnani (2001, p.50)

Toda essa dinamicidade do processo de leitura, no entanto acaba muitas vezes ficando fora da escola, onde a leitura assume finalidade imediatistas e utilitárias, tais como: ler para fazer exercícios de interpretação, para estudar itens de conteúdos, para adquirir modelos de escrita, para gostar e se habituar, para se conscientizar e politizar...

Por isso defendemos que não é este tipo de leitura fragmentada que devemos proporcionar a criança e tão pouco restringir apenas na aquisição da leitura e da habilidade de escrever, mas devemos estar atentos o que de fato cada criança está apreendendo com a leitura ofertada.

Na visão de Carvalho (2001, p.62) é preciso entender o seguinte pensamento:

A literatura se insurja enquanto um encontro entre pessoas a que ela contribua para vivência dos leitores, trazendo o mundo como ele se apresenta, com altos e baixos luzes e sombras e que ela nos permita o acesso a todos os tipos de manifestações culturais da cultura popular erudita.

Nesse processo entendemos que o professor não deve avaliar a capacidade de leitura da criança pela quantidade de exemplares lidos, pois isso não garante que a criança leia de um modo pleno, pois ler não é apenas decodificar o código escrito, mas ser capaz de ler e o interpretar. A criança que consegue interpretar qualquer tipo de texto é capaz de responder tudo o que lhe perguntar sobre o mesmo.

Para Silva (1948, p.45) ler é em última instância, não só uma tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. Na visão de Magnani (2001, p.49) “a leitura não é um ato isolado de um indivíduo diante de um escrito de outro indivíduo. Implica não só a decodificação de sinais, mas também a compreensão do signo lingüístico enquanto fenômeno social”.

Assim o mais importante como coloca Zilberman (1991, p 62) não é estimular a aquisição de textos e impulsionar a indústria do livro (apesar dele estar presente), e sim propiciar à criança um conjunto de normas de comportamento, meio de decodificação do mundo circundante, entregando e adequando o leitor a ele.

Visto que há uma diferença de poder aquisitivo entre as diversas camadas sociais, sendo este um forte elemento que influencia muito a vida da criança, sabe que a realidade de uma criança rica é bem diferente de uma pobre e por isso a primeira tem muito mais probabilidade de ter mais contato com a cultura erudita, com recursos que podem auxiliar em seu desenvolvimento do que a segunda. Vale ressaltar que muitas crianças chegam à escola sem ter tido o contato com livros e muitas delas nem sabem o que de fato é um livro. Sendo assim como o professor deve trabalhar a leitura? Por onde deve começar? Como trabalhar com algo que não faz parte da vida de alguma

criança? Como instigar a criança a se interessar, a ter curiosidade pelos livros?

É preciso salientar que primeiramente o professor deve ressaltar a criança a importância da leitura. Ele deve enfatizar o livro como meio de descobertas, que permite a criança conhecer diferentes lugares e culturas e ampliar seus horizontes. De acordo com Faria (2004, p.12) “o texto literário provoca no leitor reações diversas, que vão do prazer emocional ao intelectual”. “Além de fornecer informações sobre diferentes temas históricos, sociais, existenciais e éticos”. A autora (2004, p.12) também coloca que “o texto oferece outros tipos de satisfação ao leitor: adquirir conhecimentos variados, viver situações existenciais, entrar em contato com novas idéias”.

Retomando a idéia que embora a criança seja um ser curioso é essencial o professor principalmente da Educação Infantil, estimulá-la chamando-a para a leitura de modo que tenha interesse pela mesma. A criança jamais aprenderá ler se ela não tiver interesse ou ver o significado no ato de ler. Portanto, cabe ao professor encontrar as razões da dificuldade da criança e a melhor forma de intervir. Vale lembrar que a criança não vira leitora de um dia para o outro, mas que depende de estímulos recebidos dentro de seu ambiente familiar e escolar. Acreditamos que por meio desses estímulos ela terá mais probabilidade de se tornar leitora assídua.

Cabe ressaltar que é de suma importância o professor iniciar o trabalho de leitura com textos que contenham palavras fáceis de ler e entender, que possibilitem a criança acompanhar o desenvolvimento da história, pois o livro tem como função levar a criança a descobrir, imaginar e a construir coisas novas. Por isso acreditamos que histórias claras e simples enriquecem o aprendizado da criança e a ajuda a reconhecer e a interpretar sua experiência de vida real, ou seja, a criança faz relação da história contada pelo professor com a história vivenciada por ela mesma.

Portanto concordamos plenamente com Sandroni e Machado (1986) quando enfatizam que ao contar uma história à criança o professor além de utilizar textos com palavras fáceis precisa também respeitar este momento que para criança é muito importante. Sobre isso os autores comentam:

À hora de curtir um livro junto é à hora de partilhar: um livro de histórias curtas, contadas com palavras fáceis de ler e entender, ilustrado com imagens que falem da história, das personagens e ações que estão sendo lidas e mostradas, que faça rir de verdade, que seja engraçado, que faça pensar em coisas novas, que informe, que faça brincar com mãos, olhos

ouvidos.

De acordo com os mesmos autores: (1986, p.15) "o importante é que nessa hora não haja pressa, contando ou lendo tudo de uma só vez". "É preciso respeitar as pausas, as perguntas e comentários naturais que a história possa despertar, tanto em quem lê quanto que ouve".

Entendemos que não respeitar essa fase, a fase dos porquês, é contribuir de alguma forma com o desinteresse que a criança possa desenvolver futuramente pelos livros. O que ocorre é que o professor nem sempre considera e muito menos dá ênfase às perguntas da criança, seja por achar que ela pergunta demais ou pela falta de tempo visto que há outras atividades que ele tem que trabalhar e isso contribuem para o afastamento das crianças dos livros.

Assim, acreditamos que a curiosidade é um fator importante que pode contribuir com a aprendizagem da criança e com o desenvolvimento do hábito da leitura. Por isso é que defendemos a necessidade do professor valorizar a curiosidade da criança.

Seria interessante o professor pedir à criança trazer de casa seus próprios livros. Ele também pode pedir a ela que conte a história que trouxe e conforme fosse contanto indagá-la. E aquela que não tem livro o ele pode levá-la à biblioteca e pedir que escolha um livro e assim trabalhar o livro escolhido pela criança. Desta forma a criança estará dialogando com o professor e principalmente com o texto, que contribui muitíssimo para a criança desenvolver o hábito da leitura.

Explicitamos acima que a capacidade de ler está intimamente ligada à motivação. Por isso é essencial levar a criança a situações que lhe despertam o interesse pelos livros, pois o hábito de ler é algo que se conquista. Sendo assim o livro deve ser inserido na vida daquela o mais cedo possível. Sandroni e Machado (1986, p.14) comentam que o hábito de ler é algo que se adquire gradativamente. Portanto para os autores é fundamental "que se dê desde o início ao aprendiz da leitura o objeto a ser lido (livro, revista ou jornal), respeitando o seu nível de aprendizado" (SANDRONI & MACHADO, 1986, p.16).

O amor pelos livros não é uma coisa que se apareça de repente. É preciso ajudar a criança a descobrir o que eles podem oferecer. Cada livro pode trazer uma idéia nova, ajudar a fazer uma descoberta importante e ampliar o horizonte da criança. Aos poucos ela ganha intimidade com

objeto-livro. Uma coisa é certa: as histórias que os pais contam e os livros que os pais e filhos vêem juntos formam a base do interesse em apreender a ler e a gostar dos livros. (SANDRONI & MACHADO, 1986 p.16).

Porém, vale lembrar que, para que a criança sinta um interesse maior pelos livros é importante que ela tenha contato com textos de fácil compreensão. Acreditamos que um texto com uma linguagem lúdica e poética provavelmente facilita a compreensão da criança visto que pode ajudá-la a aprimorar a oralidade num mundo incessante de descobertas que há dentro dos livros. O ato de ler, segundo Zilberman (1991, p.114), “constitui enquanto possibilidade de fazer interagir imaginação e raciocínio, fantasia e razão, emoção e inteligência acabam por ser interrompido”.

Além de textos fáceis que ajudam a compreender melhor a leitura e ter um interesse maior pelo mesmo é importante o livro ser apresentado de forma positiva e motivadora no sentido de proporcionar o encantamento na criança. Por isso precisa ocorrer num espaço descontraído onde a criança se maravilha com as próprias descobertas encontradas nos livros.

Sandroni e Machado (1986, p.11) endossam essa idéia afirmando: “se a leitura deve ser um hábito deve ser também fonte de prazer, e nunca uma atividade obrigatória, cercada de ameaças e castigos encarada como uma imposição do mundo adulto”. “Para ler é preciso gostar de ler”.

Infelizmente em muitas situações pedagógicas o livro nem sempre é utilizado como deveria; assim sendo a literatura perde seu valor, pois o texto literário é apresentado como fim imediatista seja para a realização de atividade de gramática ou interpretação jamais exclusivamente de leitura. O professor utiliza-se de fragmentos de textos literários para trabalhar com as atividades elencadas acima e isso impede a criança explorar a leitura como deveria. A leitura é vista como uma obrigatoriedade; uma tarefa que a criança precisa cumprir. Acreditamos que essa não é uma das melhores formas de se trabalhar a leitura, pois se o objetivo é fazer com que a criança aprecie a mesma esta forma é equivocada. A leitura é algo que a criança precisa sentir prazer, alegria deve ser espontânea e precisa ocorrer num espaço descontraído onde a criança se sinta encantada e se maravilhe com as próprias descobertas encontradas nos livros.

Para Abramovich (1997, p.140) o bom seria se cada aluno pudesse escolher seu próprio livro. A autora levanta a seguinte questão: Como uma única história pode interessar toda uma classe? Como alternativa sugere:

Por que não ampliar os horizontes, indo às livrarias ou bibliotecas e deixando cada aluno manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, e até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que naquele determinado dia, lhe desperta a curiosidade, à vontade, e a inquietação??? (ABRAMOVICH 1997, p, 140).

Segundo essa mesma autora isso seria dificultoso para o professor. A autora alega que esse método exigiria do professor mais tempo e mais leitura. Devido à rotina do professor e os inúmeros conteúdos que ele precisa trabalhar com os alunos durante o ano, nem sempre é possível desenvolver um bom trabalho de leitura. Os textos selecionados na maioria das vezes são para trabalhar verbo, gramática, substantivos, não havendo um aprofundamento das idéias do autor. Abramovich (1997, p.142) ressalta: “Estilhaça-se uma história, não aprofunda uma idéia uma interpretação, não se analisa a forma de escrever de um autor”.

De acordo com Magnani (2001, p.55) o que faz com que a leitura se torne algo enfadonho são os exercícios repetitivos e sem fundamentação como podemos constatar no trecho abaixo:

Como se não bastasse aparecem em seguida os exercícios de interpretação de texto. Pedem ora respostas desnecessárias, que reproduzem literalmente partes do texto, ora respostas, que apesar de "abertas" pressupõem uma interpretação fechada, como mostram as respostas do livro do mestre (MAGNANI, 2001, p. 55).

De acordo com a autora (2001, p.55) “com isso acaba a leitura, porque logo vem os exercícios gramaticais que usam palavras e frases do texto para” ensinar a língua ““. Porém como ressalta autora essa prática não garante uma leitura crítica e transformadora da realidade.

Para Barbosa (1994, p.118) “ler é sempre colocar questões a um texto; é um ato voluntário que evocamos previamente”. O autor explicita que: “o texto pode ser compreendido por diversas maneiras”. “Não há uma única forma de interpretar”. Sobre isso o autor conclui: “pretender que exista uma única forma de interpretar um poema, um romance ou qualquer outro texto, é impedir que o leitor coloque as questões que

deseja que seja cabível para ele é, portanto, anular a construção de sua própria compreensão”.

Uma autora, que tem idéias semelhantes a Abramovich e Barbosa é Faria. A autora faz uma crítica à maneira pela qual o professor trabalha a leitura com seus alunos pedindo a eles que respondam as mesmas questões. Esta idéia é perceptível no trecho abaixo:

A ficarmos na leitura limitada aos questionários tradicionais ou a buscar apenas aspecto denotativo das histórias, não chegaremos à riqueza que se abre nas mais diversas maneiras que cada leitor experimenta ao ler o texto verbal e a imagem. Essas práticas tradicionais limitam a compreensão e a fruição de um texto literário, e não aprofundam o domínio das estruturas narrativas e de outros elementos literários (FARIA 2004, p.116).

Entendemos que o professor ao trabalhar com a leitura ao término de cada leitura deve levar os alunos à reflexão. Ele pode começar pela capa do livro, também pode sugerir aos alunos que escolham outro título para a história e depois pedir que cada um fale qual escolheu e o porquê da escolha. Fazendo assim eles passarão a compreender melhor a obra trabalhada, pois a criança compreende melhor o texto a partir do momento que se vê confrontado com o mesmo e isto é fundamental para seu crescimento enquanto leitor.

Também seria interessante o professor antes de selecionar as obras que seus alunos terão que ler durante o ano fizesse um levantamento das obras que eles conhecem e quais gostariam de ler; desta forma a leitura passaria a ser desejada por muitos. De acordo com Carvalho (2001 p.60):

Os alunos iniciam lendo obras que estejam próximas de seus horizontes de expectativas de seus interesses imediatos de suas experiência de leitura para, gradativamente, chegarem à leitura de obras que ultrapassam o circuito cultural em que eles estão inseridos, ampliando seu horizonte.

Aguiar (1993, p.25) também vai ao encontro dessa idéia comentando:

Partindo das preferências do leitor, o trabalho deve orientar-se, de maneira dinâmica do próximo para o distante no tempo e no espaço. Isso significa optar, primeiramente por textos conhecidos de autores atuais, familiares pela temática apresentada, pelos personagens delineados levantados, pelas soluções propostas pela forma como se estruturam, pela linguagem de que se valem. (AGUIAR, 1993 p. 25)

De acordo com o autor o professor pode aos poucos introduzir novas obras permitindo assim à criança o contato com diversas obras e assuntos diferenciados contribuindo com a formação do gosto da criança pela leitura de modo que tornem leitoras para o resto da vida. Segundo ele (1993, p.25) "estes procedimentos, inusitados para o leitor, rompem sua acomodação e exigem uma nova postura de aceitação ou descrédito, fundada na reflexão crítica o que promove a expansão de suas vivências culturais e existências".

A família também tem papel primordial neste processo de leitura. Ela deve oferecer livros a seus filhos o mais cedo, bem antes de irem à escola. Machado e Sandroni (1986p. 59) reforçam bem essa idéia da importância da leitura no ambiente familiar. Sobre isso os autores comentam:

O desenvolvimento de interesse e hábitos de leitura faz num processo constante que se inicia com a família reforça-se na escola e continua ao longo da existência do indivíduo, através das influências recebidas na atmosfera cultural de que participa.

Para os autores (1986 p.112).

Numa casa onde os pais gostam de ler, mesmo que não disponham de uma boa biblioteca, a criança cresce valorizando naturalmente aqueles objetos cheios de sinais que conseguem prender a atenção das pessoas por tanto tempo. A criança percebe, desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer. Os pais que não têm, eles próprios, o hábito de ler deveriam pensar na importância de tentar mudar de comportamento, tanto em benefício dos filhos quanto de si mesmo.

De acordo com Bruno Rodrigues em seu artigo (p.1) "como criar o hábito da leitura na infância":

Outro estímulo que os pais podem oferecer à criança e que pode ser o principal é o exemplo. As crianças que percebem que os pais têm prazer ao ler são crianças mais interessadas em leitura de que as filhas de pais que não lêem e não gostam de leitura.

O mesmo enfatiza:

São pequenas ações que criam o hábito da leitura, ajudando a criança no desenvolvimento da escola, aumentando criatividade, linguagem, vocabulário e a escrita. Uma criança adepta a leitura terá um futuro com muito mais perspectivas profissionais. Além disso, a leitura permite você voar com pensamento sem sair do lugar.

Segundo Maria (2007, p.17) os livros devem entrar na vida da criança no mesmo momento que entram os brinquedos. A autora (2007, p.17) considera “a literatura infantil um privilegiado espaço para experiências lúdicas e prazerosas, um espaço de brincadeiras e lazer”. Concordamos plenamente com a autora que o livro deve entrar na vida da criança o mais cedo possível, pois a criança que tem contato com livros desde pequena não só se alfabetiza mais cedo como também se torna leitora assídua e também desenvolve a linguagem. Maria (2007, p.17) ressalta “o nível de linguagem de uma criança que se familiariza com os textos escritos, desde os primeiros anos de vida, é muito superior ao de outra, que não teve essa experiência”.

Porém cabe lembrar que ao lermos uma história para a criança precisamos ter a consciência que devemos lê-la como está escrito não importando com o vocabulário, pois o que ocorre é que o adulto ao contar uma história para a criança acaba limitando seu vocabulário por achar que ela não compreenderá as palavras que aparecem no texto. Por isso ele mesmo seleciona as palavras que julga serem mais fáceis à criança compreender e isto não é o correto, pois não devemos subestimar a capacidade de compreensão da criança e tão pouco limitar seu vocabulário. Maria (2007, p. 20) defende essa idéia muito bem quando coloca: “não conte, com suas próprias palavras, histórias para crianças”. A autora (2007, p.20) sugere algumas alternativas como: “Leia histórias para crianças”. “Ofereça a elas essa oportunidade de convívio com a escrita”. “Não tenha medo do vocabulário novo que as histórias escritas possam conter: amplie-se o vocabulário convivendo com ele, dentro de contextos com o das histórias”. A autora ainda enfatiza: “os textos são ricos em novas palavras, novas construções sintáticas, surpresas estéticas, encantamento”. Para a autora (2007, p. 20) “o cérebro de uma criança-mais ainda que os nossos- está ávido por novidades”.

Barros (2006, p.143) propõem algumas dicas que podem contribuir para o êxito do trabalho do professor/ contador. São elas:

Evite a linguagem no diminutivo Ex: “criancinhas eu vou contar uma historinha deste livrinho, mas antes vamos cantar uma musiquinha”; Evite versões empobrecidas de uma história (dê preferência àquelas mais próximas do original);

É importante que as crianças tenham contato com histórias com padrões

éticos, culturais e sócias opostos. Ex: *Branca de neve* (uma linda menina branca) e *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado (uma linda menina negra);

Cabe ressaltar que a importância do professor leitor é indispensável quando o objetivo se pretende formar jovens leitores. Portanto, seu próprio interesse e envolvimento com a leitura servem como modelo indispensável. De acordo com Barbosa (1994, p.138) “ninguém ensina bem uma criança ler se não se interessa pela leitura”. Por isso é essencial que o professor possua uma rica bagagem de leitura, pois poderá melhor estimular seus alunos a ler não ficando apenas nas mesmas obras que os alunos estão fartos de ler.

Faria (2004) também comenta sobre o professor ter uma rica bagagem cultural. Para a autora essa bagagem ajuda o professor:

Analisar os livros infantis, selecionar o que pode interessar às crianças num momento dado e decidir sobre os elementos literários que sejam úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que a criança já traz de sua pequena experiência de vida. (FARIA, 2004 p.21).

Segundo Faria (2004, p.13) quando o professor conhece:

As instâncias do discurso do texto literário ele é capaz de perceber as sutilezas e muitas maneiras de ler um livro, atendendo sempre as expectativas e competências dos pequenos leitores. Com isso, sem dúvida, tornará a atividade de leitura em sala de aula mais rica e prazerosa.

Na visão de Barros (2006 p.137).

O professor que se percebe como mediador de leitura para seus alunos precisa conhecer os fundamentos básicos da Teoria da Leitura, a fim de que sua indicação de textos e de autores faça parte de um processo eficiente de formação e manutenção de leitores jovens, processo esse baseado em consciência, preparo conhecimento e competência, isento de mesmices e sensaborias.

O que ocorre é que os professores muitas vezes limitam a leitura da criança ao selecionar as obras por ele conhecidas para trabalhar durante o ano e isso faz com que a criança não tenha acesso aos diversos textos que enriquecem o nosso mundo cultural. Para Magnani (2001, p.63)

A imposição de leituras tem mostrado que a noção de valor contida na seleção de textos pode gerar equívocos no contexto da nossa realidade

educacional, reforçando o desgosto do aluno pela leitura e pela literatura e sua ambígua condição de evidência e mistério, gerada pela repetição e automatização de modelos.

Vale ressaltar que a função da escola é formar leitores assíduos, porém jamais deve obrigar os alunos a ler as obras que não lhe atraem nenhuma atenção. Fazer isso é matar imediatamente o desejo do aluno pelo livro.

Obrigar um adolescente que ainda nem descobriu o prazer da leitura, a ler Dom Casmurro em tempo não propício como muita escola vem fazendo é matar qualquer embrião de leitor que possa existir naquele adolescente. O pior é que, nesse caso, o jovem nem lê Machado, nem lê mais nada. Sai da escola com ojeriza a leitura (MARIA 2007, p.22).

Uma autora que complementa esta idéia é Barbosa. A autora (1994, p.138) comenta que as preferências das crianças precisam ser respeitadas afirmando que quando nós adultos não gostamos de determinado livro não o lemos até o final e levanta a seguinte questão: Por que obrigar então todas as crianças lerem sobre o mesmo assunto?

Afirma ainda que existam algumas maneiras que dificultam a compreensão e o prazer na leitura e descrevem algumas delas:

Se orientarmos a criança para a concentração em detalhes visuais, se fornecermos fragmentos de textos incompreensíveis ou amontoados de frases sem significado de comunicação se exigirmos que ela responda as questões após a leitura, se lhe pedimos para oralizar palavras em detrimento do sentido. (BARBOSA 1994, p.138).

Segundo Barbosa (1994, p.139) “essas atitudes dificultam aprendizagem da leitura por limitar a quantidade de informações não visuais a que criança pode recorrer enquanto lê”. Por esse motivo o professor deve estar atento quanto ao interesse da criança pela leitura, e quando perceber que ela se apresenta desinteressada e desmotivada cabe a ele criar situações mais envolventes de modo a despertar na criança o amor pelos livros.

Cabe mencionarmos que muitos alunos terminam os estudos e não se tornam leitores, devido à forma pela qual a leitura lhe foi apresentados: como finalidade exclusiva para a realização de atividades gramaticais, e não como fonte de prazer. Aguiar (1993, p.18) defende:

Para assegurar a continuidade do comportamento positivo em relação ao livro, é preciso que o hábito não seja apenas padrão rotineiro de resposta, automaticamente provocado e realizado. A busca freqüente da literatura precisa surgir de uma atitude consciente, da disposição que o texto oferece como nova alternativa existencial.

Barbosa (1994) propõe algumas sugestões ao professor para que tenha êxito em sua prática de leitura. Podemos constatá-las no trecho abaixo.

O professor pode variar os matérias e atividades de leitura, criando a cada dia situações novas, atraentes afirmando o uso social da escrita, evitando assim o tradicional e não significativo uso escolar da escrita os textos decifratórios, as cópias e ditados sem objetivo ou sem sentido para as crianças (BARBOSA 1994, p.140).

Aguiar (1993 p.17) propõe algumas metodologias de leitura à escola de modo que ela desenvolva uma prática de leitura eficiente. Podemos constatá-la no trecho abaixo:

Para que a escola possa produzir um ensino eficaz da leitura da obra literária, deve cumprir certos requisitos como: dispor de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecas que promovam o livro literário, professores leitores como boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura, e, sobretudo, uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor.

Silva e Bortolin (2006) dão um embasamento às idéias de Aguiar sobre a escola promover a leitura para formar leitores assíduos. Isto é perceptível no trecho abaixo:

Para que a escola possa cumprir o seu papel de formadora de leitores, ela necessita de uma estrutura física e humana adequadas, ou seja, que haja um projeto com diretrizes claras acerca do desenvolvimento da leitura da literatura na unidade escolar; que o corpo docente esteja minimamente fundamentado e seja frequentemente realimentado com estudos sobre leitura e literatura; que a escola possua uma biblioteca com acervo mínimo para que o projeto possa se desenvolver e para que a criança possa manuseá-lo de forma a explorá-lo com sua máxima capacidade, estimulando-se, assim, o contato da criança com as obras literárias, sem a didatização ou transformação do que foi lido em fichas, perguntas ou atividades inibidoras da espontaneidade e do aspecto prazeroso que a literatura deve proporcionar. (SILVA & BORTOLIN, 2006 p.83).

Para disseminar o prazer de ler na criança o professor pode trabalhar com salinha de leitura. Segundo Machado e Sandroni (1986, p.68 “na salinha se estabelecem contato direto, livre e prolongado das crianças com os livros, sem as

características usuais da escola ou mesmo de bibliotecas, sem qualquer pressão do adulto”. Para os autores:

A salinha é um lugar de encontro com livros: para ler, ouvir, contar, reinventar, dramatizar, criar histórias, conversar sobre o que é lido onde o leitor também pode desenhar escrever, declamar, recomendar e desaconselhar leituras, sugerir novos livros e atividades trazer consigo um companheiro fazer novas amizades trocar material de leitura com as outras crianças.

Com base nas idéias dos autores Sandroni e Machado chegamos à conclusão de que a salinha de leitura pode contribuir muito com a formação de crianças leitoras. A salinha propicia à criança nova descoberta e também incentiva sua criatividade, embora, não seja, o único recurso a ser utilizado pelo professor para trabalhar com a prática de leitura.

Portanto para que criança se interesse pela leitura, é importante que ela escolha os livros sem interferência do adulto. Machado e Sandroni (1986, p.72) comentam sobre a importância de deixar a criança escolher seus próprios livros afirmando que: “a criança comentam e indicam leituras umas para as outras”. “E tendem a ser mais espontâneas ao fazerem-no entre si do que quando solicitadas por um adulto”.

Dessa forma a escola tem se constituído em espaço favorável para trabalhar com as práticas de leitura visto que muitas vezes desempenha o papel da família o de inserir os pequenos no mundo encantado dos livros. Pois embora o trabalho de leitura é um processo que gradativamente deveria iniciar com a família cabe lembrar que essa prática não acontece.

É preciso salientar que a escola é uma instituição muito importante para a criança de classe social menos privilegiada por propiciar a ela o contato com o livro já que é criança que de acordo com Tersí (2006):

Além de viverem na periferia das cidades, estão à margem dos acontecimentos importantes e dos benefícios trazidos pelo desenvolvimento tecnológico e social do momento – que não pode contar com o apoio dos pais para seu letramento.

Aguiar tem idéias semelhantes à de Tersí quanto o papel da escola de propiciar a classe menos privilegiada o contato com uma cultura erudita. Para Aguiar (1993 p. 12):

É importante que as classes menos favorecidas tenham acesso a cultura letrada, sob pena de se manterem as diferenças sociais. Isso quer dizer,

que, ao se valorizar todas as expressões culturais dominadas, não se está pretendendo limitar as classes populares ao conhecimento já adquirido no grupo.

A autora defende o acesso à cultura letrada as classes populares, pois acredita que essa prática contribui para sua participação ativa na sociedade por conferir a ela conhecimento para tal ação. Assim a autora menciona (1993, p.12) “o que se propõe e abrir-lhes o leque de opções de modo a atuar efetivamente na vida social e não apenas como massa de manobra, uma vez que elas passam a ser capazes de jogar com as mesmas armas”.

Assim sendo acreditamos que a escola é local propício para iniciar a prática de leitura. Por isso é fundamental desde a Educação Infantil instigar à criança a ler, mas para isso é necessária a interação entre professor e aluno para que a leitura tenha sentido o professor deve fazer o aluno perceber o porquê da leitura proposta. Desta forma entendemos que propiciar um ambiente acolhedor, afetivo, alegre e descontraído deve ser tarefa de todo o professor da Educação Infantil para disseminar nas crianças o prazer de ler. Nesse sentido este precisa ser um espaço agradável, acolhedor, e informar que permite a criança se sentir a vontade de modo que se entregue plenamente à leitura e se familiarize com o livro.

Considerando que a leitura é uma prática construída socialmente e que depende de estímulos para sua efetivação, enfatizamos que ela deva começar na Educação Infantil, pois é nessa fase da infância que todos os hábitos se formam. Acreditamos que quanto mais cedo à criança tiver contato com livros e perceber o prazer que a leitura produz maior é a probabilidade de tornar-se um adulto leitor. Vale ressaltar que a criança que cultiva diariamente a leitura tende a ser, mais criativa e questionadora. Porém para desenvolver o hábito da leitura é necessário que a criança tenha contato com livro de verdade. Isso significa que o professor, principalmente o da Educação Infantil, permita a criança manusear o livro e folhear o mesmo.

É sabido que esse contato nem sempre ocorre no cotidiano escolar devido o medo que o professor tem que ela rasgue o livro. Segundo descrevem Paz, Mariotti e Knetsch (p.1) a “criança só construirá conhecimento acerca da leitura se estiver inserida em um ambiente favorável ao letramento que possibilite presenciar e participar de

situações de iniciação de leitura". A partir do momento que a criança toca um livro, observa as figuras ela já está praticando leitura independente se identifica ou não a língua escrita.

É importante que o livro seja tocado pela criança, folheado, de forma que ela tenha um contato mais íntimo com o objeto de seu interesse. A partir daí, ela começa a gostar de livros, percebe que eles fazem parte de seu mundo fascinante, onde a fantasia apresenta-se por meio das palavras e desenhos. (CASTRO, p1.).

Como já mencionamos anteriormente a escola é um espaço privilegiado para trabalhar com a prática leitura. Assim sendo cabe a ela implementar a leitura desde a Educação Infantil tornando-a algo agradável, fonte não apenas de informação, mas principalmente de lazer, no entanto deve ser utilizado de forma coerente, como um espaço para a criança refletir sobre sua condição social e o contexto histórico na qual esta inserida. De acordo com Maria (2007, p.14) a leitura deve estar sempre presente na escola sobre isso a autora comenta:

Se um lugar existe, onde a leitura extensiva e enriquecedora não pode deixar de estar e deve estar de forma ampla e permanente, de forma agradável e sedutora, de forma séria e comprometida, esse lugar é justamente a escola, as salas de aula, as aulas de língua portuguesa e de todas outras disciplinas.

Entendemos que leitura é uma fonte riquíssima de informações e contribui para a vida individual, social e cultural do indivíduo visto que o hábito da leitura pode proporcionar a aprendizagem e o progresso da criança. Desta forma concordamos intensamente com autora acima de que a leitura deve sempre estar presente no âmbito escolar, porém de forma comprometida. Por isso criança não deve ser vista como um receptor passivo, mas um indivíduo ativo que aceita o texto na medida em que percebe vinculado ou não com seu mundo. De acordo com Aguiar (1993 p.10).

A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura, quando ele se defronta com produções significantes provenientes de outros indivíduos, por meio de código comum de linguagem escrita. No diálogo que então se estabelece o sujeito obriga-se a descobrir sentidos e tomar posições, o que o abre para o outro.

Compartilhando das idéias de Aguiar é válido afirmar que através da leitura a

criança estabelece relação com outro, pois esta lhe dá condições, ou seja, argumentos para que sobressaia em determinadas situações de diálogo porque é por meio da leitura que a criança vai tecendo seus conhecimentos que fará toda diferença em sua prática social. Nesse sentido cabe mencionamos novamente o papel da Educação Infantil na aquisição da leitura e defendermos que a literatura pode ser um forte aliado do professor para a proliferação de leitores visto que contribui com o desenvolvimento do individuo devido sua riqueza. Como aponta Aguiar (1993 p.11)

A riqueza polissêmica da literatura é um campo de plena liberdade para o leitor. O que não ocorre em outros textos. Daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano.

Vale ressaltar que só será possível formarmos leitores críticos e questionadores se a leitura for inserida na vida da criança desde a tenra idade se for um trabalho conjunto escola-família sendo que a primeira tem muito a contribuir com essa disseminação. Em suma é necessário que para alcançar o objetivo elencado seja de extrema urgência e necessidade que a prática de leitura no ambiente escolar ocorra de forma prazerosa, descontraída, motivadora, no sentido de propiciar a criança o prazer, a curiosidade, o questionamento por isso a leitura jamais deve ser imposta, mas ser apresentada como fonte de prazer apresentada levando a criança a mergulhar neste mundo fantástico e encantado que há dentro dos livros.

CONCLUSÕES

Para formarmos leitores assíduos e críticos concluimos que é essencial a leitura estar inserida na vida da criança desde a tenra idade, pois contribui para a criança desenvolver a criatividade, a imaginação, a sensibilidade e o senso crítico. Portanto, defendemos que o ato de ler deve ser estimulado dentro do ambiente familiar e escolar, visto que deve ser uma prática que precisa começar com a família, se aprimorar na escola e continuar ao longo da existência do indivíduo. Desta forma acreditamos que só será possível fazermos com que as crianças apreciem a leitura se esta for uma prática de interesses de todo um trabalho conjunto entre família-escola. Além disso, é de suma importância que envolva os professores de diferentes áreas do conhecimento, desmistificando a visão de que é papel somente do professor língua portuguesa trabalhar com a leitura.

Pensamos que a família tem um papel primordial nesse processo de leitura, portanto cabe a ela propiciar os seus filhos o contato com o livro. Por isso os pais

devem contar histórias com mais frequência a eles mesmo que não saibam ler, tendo consciência da importância da leitura para o desenvolvimento de seus filhos. Acreditamos que a criança que é estimulada em seu ambiente familiar e que têm acesso a uma cultura erudita, mesmo antes de ir à escola tem maior probabilidade de se tornar um adulto-leitor com um nível de linguagem bem maior daquela que só veio ter contato com os materiais escritos na escola.

Entendemos também que para formarmos leitores críticos e questionadores como abordamos no trabalho, capazes de analisarem as informações a sua volta, faz-se necessário desenvolver um trabalho de leitura crítica, porém, vale ressaltar que essa competência crítica não se constrói naturalmente. Ela precisa ser ensinada e incentivada desde a Educação Infantil para que o aluno desenvolva atitudes de questionamentos perante o material escrito, fato que justifica a importância da educação infantil como um espaço sistematizado para disseminar na criança tal hábito.

Nesse processo de incentivo à leitura entendemos que cabe ao professor da Educação Infantil realizar um trabalho de leitura prazerosa de modo que chame a atenção dos pequenos, pois deve ser uma ação que a criança sinta prazer e alegria; deve ser espontânea e precisa ocorrer num espaço descontraído onde a criança se sinta encantada e se maravilhe com as próprias descobertas encontradas nos livros.

Desta forma o professor precisa estar atento ao interesse da criança em relação à leitura e quando perceber que a mesma apresenta-se desmotivada e desinteressada cabe a ele usar novas formas que possam despertar na criança o prazer pela leitura, para que essa não perca sua utilidade e não se torne algo enfadonho. É sabido que existem vários motivos que afastam a criança do livro provocando na mesma certa aversão; uma delas é a forma pela qual a leitura é apresentada como obrigatoriedade e não como fonte de prazer e descoberta, por isso entendemos que é de extrema necessidade o professor estar atento quanto a sua metodologia de leitura que deve ser uma prática motivadora. Por isso o professor deve estimular a criança na aquisição da leitura, trabalhando de forma dinâmica e criativa, de modo que as atividades planejadas sejam promotoras de desenvolvimento.

Assim sendo a imagem da leitura desenvolvida na sala de aula deve ser uma imagem prazerosa, de alegria, de descontração, de aventura, de liberdade. O livro

jamais deve ser apresentado ao aluno como imposição, mas como fonte de prazer de curiosidade em querer descobrir o mundo, pois só assim é possível contribuir no desenvolvimento de futuros leitores críticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fany. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura**: a formação do leitor: alternativas metodológicas 2. ed. Porto Alegre: Mercado Alberto, 1993.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BARROS, Maria Helena Toledo Costas de. **Leitura**: mediador, Rovilson José da Silva, Sueli Bortolin. –São Paulo: Ed. FA, 2006.

BARROS, Maria Helena Toledo. **Leitura**: Mediação e mediador A leitura do adolescente e os temas de sexo, e violência. São Paulo. Ed: FA, 2006 in p.39-47.

BARROS. Maria Helena Toledo Costas. **Leitura**: Mediação e mediador. Ed. FA 2006 O professor como mediador da leitura. In p.133- 138.

BARROS, Maria Toledo Costas. *Leitura: Mediação e mediador*. São Paulo. Ed FA. 2006. A leitura do adolescente e os temas de sexo, e violência. In p.39-47.

BARROS, Maria Helena Toledo Costa de. **Leitura: Mediação e mediador**. Hora da história: toda criança merece São Paulo. Ed. FA 2006

BARCELOS, Gladis Maria Ferrão. **Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler: subsídios a sua relação em Bibliotecas Públicas**.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística** São Paulo 1992, Editora Scipione.

CASTRO, Eline Fernandes de. **A importância da leitura para o desenvolvimento da criança**. Disponível em <<http://www.meuartigoabrasileescola...importancia-literatura-infantil-para-desenvolvimento.htm> acesso 10 de setembro de 09.

DIAS, Maria Célia Moraes & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Papirus, 2003.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**/ Luz do Prado-Petrópolis, RJ: Vozes 1995.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura em sala de aula** / São Paulo: contexto 2004-coleção como usar em sala de aula.

KNETSCH, Maria Ortiz, MARIOTTI, Aurora Jolly Penna & PAZ, Erica Rodrigues *leitura na educação infantil*/. Disponível em < www.unimep.br/phpg/mostracademica... / acesso 18 de agosto de 09

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**/ -2 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Literatura (a boa): Mantenha sempre ao alcance das crianças**. In: *criar*, ano 3, 2007, n. 18, p. 8-13

DIAS, Maria Célia Moraes & NICOLAU, Marieta Lúcia Machado (orgs). **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Papirus, 2003.

PERROTI, Edmir **Confinamento Cultural, infância e leitura**/ -São Paulo: Sumus1990.

SADRONI, Laura e MACHADO, Luis Raul (org.)- **A criança e o livro: guia prático estímulo a leitura** São Paulo. Ática, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da, 1948- **Criticidade e leitura: ensaios ; prefácio da Luiz-SP**. Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB)- (Coleção Leitura no Brasil).

SILVA, Ezequiel Theodoro da, 1948-**Elementos de pedagogia da leitura** - São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Silvia Bortolini Borges e Sueli Bortolin. **Leitura: e mediação e mediador:** São Paulo. Ed FA. 2006. Hora da história: toda criança merece Silvia Bortolini Borges e Sueli Bortolin139-145.

SORES, Magda. **Letramento um tema em três gêneros/** 2 ed. 9. reimpr- Belo Horizonte: Autentica 2004.

RODRIGUES, Bruno. **Como criar o hábito da leitura na infância/** Disponível em < http://www.guiadobebe.uol.com.br/..como_criar_habito_da_leitura_na_infancia.htm acesso 04 de julho de 09.

SMITH, Frank. **Leitura significativa:** Trad. Beatriz Afonso Neves-3 ed-Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

TERSI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura:** uma experiência com criança de meios letrados, Campinas, SP: Ponte s 4. edição 2006.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura/** -2 ed. - São Paulo: contexto, 1991.

ZILBERMAN. Regina. **Literatura infantil:** autoritarismo e emancipação/, Lígia Cademartori Magalhães. -São Paulo: Ática 1982.